

A VERDADEIRA RELIGIÃO

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio – UERJ

RESUMO:

Objetivamos, com este artigo, dissertar, de maneira breve mas objetiva, sobre o que vem a ser “a verdadeira religião”. Para tanto, recorreremos a dois autores: um sacro, São Tiago e um do período Claudiano, Pérsio. Verificaremos que há duas maneiras para se seguir uma religião, seja ela cristã ou não: a primeira vem do mero cumprimento de ritos, tradições e leis cerimoniais; a segunda, sem deixar de realizar estas coisas, caracteriza-se pela prática da piedade, o que se materializa por atos que demonstrarão que o verdadeiro religioso ama não apenas a divindade, mas também a criatura feita à sua imagem e semelhança.

Palavras-chave: Religião, São Tiago, Pérsio.

INTRODUÇÃO

O nosso trabalho visa mostrar, segundo a ótica de dois autores, que a verdadeira religião, independente do rótulo denominacional que o seu seguidor carregue, deve privilegiar o próximo e que a fé deve estar acompanhada das obras. Caso estes pré-requisitos não sejam preenchidos, os seguidores de determinada religião, em lugar de estarem praticando a religião verdadeira, estarão apenas cumprido rituais e cerimônias.

Iniciaremos o nosso texto buscando saber a origem da palavra “religião”. Verificar-se-á que a língua grega não possui uma palavra específica para religião e que, em latim, ela possui mais de uma etimologia, sendo que aquela que se refere a ligar o homem a sua divindade foi a que prevaleceu. Vale lembrar que dentro da própria religião romana já existia uma pessoa que fazia esta ponte, razão pela qual ela era denominada de *pontifex*, ou seja, “aquele que faz (*fac Ēre*) a ponte (*pons, pontis*) entre o humano e o divino”.

Em seguida passaremos a analisar um trecho da epístola de São Tiago. Segundo ele, a verdadeira religião se configura pelo autocontrole, ou seja, “refrear a língua”, que seria não apenas deixar de falar palavras torpes, palavrões, mas principalmente não falar mal do próximo, não fazer fofocas. O religioso que assim não procede, segundo ele, engana o seu próprio coração, pois pensa que é religioso, quando na verdade não é. A verdadeira religião, segundo o apóstolo, se caracteriza pelo amor ao próximo, em especial aos que se encontram sem nenhum tipo de proteção e ajuda, e se materializa não apenas por uma fé sem obras, mas principalmente por obras oriundas da fé. Por fim ele nos aconselha a não nos contaminarmos com as coisas do mundo, contaminação esta não apenas na esfera sexual, mas sobretudo na esfera da ética.

O segundo autor, Pérsio, seguidor ferrenho do estoicismo, critica, na sua segunda sátira, o *modus vivendi* do religioso romano que vai aos templos ou dirige suas preces e votos sempre com a intenção de conseguir alguma coisa, ou seja, faz uma espécie de troca com a divindade. Para ele, este tipo de comportamento vai de encontro à verdadeira religião, que deveria buscar primeiramente sentimentos próprios de uma alma piedosa, tais como “uma mente pura e um coração nobre e honrado.”

ETIMOLOGIA DA PALAVRA “RELIGIÃO”

Antes de tudo, devemos nos debruçar sobre a origem da palavra religião. Em grego, não há, como em latim, uma palavra específica para religião. Encontramos, porém, na língua helênica, dois vocábulos que dela se aproximam. O primeiro *élatreia*, que significa “trabalho por um salário”, “cuidado” e “serviço”, vindo, mais tarde, a significar, no âmbito religioso, “honrar aos deuses”, “adoração”. O segundo vocábulo, sinônimo do primeiro, *éthreskeia*, que significa “adoração a Deus”, “religião”. Há três ocorrências bíblicas para esta palavra: a primeira está em Atos 26:5 e é utilizada para falar de religião de um modo geral: “... porque vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa *religião* (threskeias).”; a segunda ocorrência se encontra em Colossenses 2:18 para advertir a igreja local sobre o perigo do culto aos anjos e, aqui, significa “culto”: “...pretextando humildade e *culto* (threskeia) aos anjos,...”; a terceira e a mais significativa para o nosso estudo está em Tiago 1:26-27, onde, para definir o que seria a verdadeira religião, o sacro escritor emprega a palavra *threskeia* duas vezes, ora traduzida, dependendo da versão, como “religião” ora como “adoração” a Deus. Além deste substantivo, Tiago emprega, nesse mesmo contexto, o adjetivo *threskos*, que pode ser traduzido como “piedoso” ou “religioso”.

Ainda é nebulosa, embora uma explicação prevaleça, a etimologia da palavra “religião”. A primeira possibilidade nos vem de Cícero, segundo o qual, esta palavra é oriunda do verbo *releg Ēre*, isto é, “tomar de novo”, “tornar a revistar”, “reler”. Segundo esta explicação, religião seria o estudo aplicado e a observância severa das coisas pertinentes aos deuses. Foi esse o entendimento de Zwinglio na sua obra *Comentários sobre a verdadeira e a falsa religião*. A segunda possibilidade se encontra em Macrobiuse, de acordo com o seu entendimento, o vocábulo em destaque teria vindo do verbo *relinquĒre*, que significa “deixar para trás”, “abandonar”, trazendo, assim, a ideia de que o homem religioso deveria se

dedicar às coisas sagradas e “abandonar” as profanas. A etimologia, porém, que se popularizou foi aquela criada por Lactantius e Agostinho, segundo os quais, o vocábulo veio do verbo *religāre*, “ligar por trás”, “religar”. Segundo esta linha de pensamento, a religião serve para religar, fazer a ponte entre a humanidade caída e Deus.

TEXTOS E COMENTÁRIOS

TIAGO

Incluída entre as epístolas católicas ou universais, a carta de São Tiago demorou a ser aceita como um livro canônico e, por isso, ela só foi introduzida no cânon do Novo Testamento no fim do século IV. Após a sua canonicidade, passou-se a se debater qual dos Tiagos teria sido o seu autor. Pensou-se no apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, que foi morto por Herodes; o segundo nome também foi apóstolo e era filho de Alfeu; por fim, o consenso se deu sobre a pessoa de Tiago, irmão de Jesus (Mt 13:55), e que atuou de forma marcante na igreja de Jerusalém.

CAPÍTULO I

26 Si quis autem putat se religiosum esse, non refrains linguam suam, sed seducens cor suum huiusvana est religio.

27 Religio munda et immaculata apud Deum et Patrem haec est: visitare pupilos et viduas in tribulatione eorum, immaculatum se custodire ab hoc saeculo.

26 Se alguém supõe ser religioso (*threskos*), deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião (*threskeia*) é vã.

27 A religião (*threskeia*) pura e sem mácula (*amiantos*), para com nosso Deus e Pai, é esta: cuidar (*episkeptesthai*) dos órfãos e das viúvas nas suas atribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado (*aspilon*) do mundo.

Como já dissemos, a palavra grega correspondente a “religio”, em latim, e a “religião”, em português, é *threskeia*, que também significa “adoração” a Deus, “serviço” a Deus, sendo esta adoração materializada pelo cuidado e amor para com o próximo, conforme comprova a própria Bíblia: “... Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (I João 4:20). Já o adjetivo *threskos*, aqui, faz referência a um religioso que não é piedoso, e que, por isso, tropeça em dois tipos de comportamento: o primeiro é o de não refrear a língua, o que é explicado no capítulo três da mesma epístola: “Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens feitos à semelhança de Deus.” (Tiago 3:9); não é à toa que, entre os dez mandamentos, encontramos um que já apontava para o perigo que se expõe todo aquele que não consegue controlar a própria língua: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.” (Êxodo 20:16). O segundo é o fato de que o *threskos* que assim procede engana não apenas a todos que estão à sua volta, mas também a si mesmo, achando que o seu proceder é um de um religioso piedoso e, portanto, um religioso verdadeiro.

Vê-se que, para traduzir *amiantos* e *aspilon*, Jerônimo faz, talvez por não encontrar correspondentes em latim, uso apenas do adjetivo *immaculatus*, -a, -um. Em português, porém, o tradutor da NVI se preocupa em diferenciá-los. Fica claro, então, que, embora os vocábulos gregos sejam sinônimos, têm empregos e significados distintos.

O primeiro, *amiantos*, “inconspurado”, além de ser empregado para designar alguém “imaculado”, “puro”, serve, nesse contexto, para definir o tipo de religião a ser praticada, ou seja, aquela que não se deixa contaminar pela falsa religião, que busca apenas cumprir ritos e cerimônias, não se preocupando, portanto, em transformar a fé em obras.

O termo *aspilos*, “impecável”, “sem mancha”, era empregado originalmente para fazer referência à pureza cultural e ritual, vindo posteriormente, já fora da esfera religiosa, a se referir também à pureza moral. Além, é claro, de fazer referência às coisas que contaminam o corpo e a mente como, por exemplo, os *septem peccata mortalia*: *superbia*, *avaritia*, *invidia*, *gula*, *luxuria*, *ira et acedia*, vemos aqui, também, uma clara referência ao modo de como o cristão deve proceder em meio à sociedade em que está inserido. Assim, pensamentos do tipo “Todo mundo faz” não devem fazer parte da mente daquele que não deseja se contaminar com as injustiças deste mundo e que deseja ser um verdadeiro religioso.

Ao traduzirmos *episkeptesthai*, não seguimos a versão brasileira da NVI, que segue literalmente a Vulgata: “visitare”. Preferimos, seguindo outra possibilidade do grego, o verbo “cuidar” por entendermos que, semanticamente, ele estaria mais de acordo com a linguagem dos nossos dias, uma vez que o verbo “visitar”, hoje em dia, está mais distante da ideia de “ajudar”, “prestar socorro” do que o verbo “cuidar”.

PÉRSIO

Na vida de Aulo Pérsio Flaco, aconteceu, literalmente, o que escreveu Horácio: “Ars longa, vitabrevis”, pois ele só viveu vinte e oito anos. Natural da Etrúria, contemporâneo de Nero, foi vencido

pela tísica em 62 d. C. Defensor da escola estoica, tinha por objetivo, em suas seis sátiras, combater o vício e exaltar a virtude, não com exemplos práticos colhidos do dia a dia, mas por meio da abstração e da teoria. A primeira sátira ressalta os defeitos dos escritores e do público; a terceira é sobre o problema da educação; a quarta discute o conceito de “nosce te ipsum”; a quinta é sobre a visão estoica da verdadeira liberdade e a sexta disserta sobre a preocupação com os bens e a riqueza. A segunda fala sobre a prática da verdadeira religião e é sobre seus últimos versos que teceremos comentários.

II SÁTIRA

“... peccatethaec, peccat, vitiotamenutitur; at vos
Dicite, pontifices, in sancto quid facit aurum?
Nempe hoc quod Veneri donatae a virgine pupae.
Quin damus id superis, de magna quod dare lance
Non possit magni Messalae lippa propago?
Conpositumiusfasque animo sanctosquerecessus
Mentis etincoctum generoso pectus honesto.
Haec cedo ut admoveamtemplisetfarrelitabo.

A carne peca e peca, mas ela usufrui de seu vício; mas vós, pontífices, digei-me: “O que faz o ouro no santo lugar?” Por certo vale tanto quanto as bonecas que são ofertadas por uma jovem a Vênus. Por que não oferecemos aos imortais aquilo que a remelosa descendência do grande Messala não pode oferecer de seu grande prato? O direito e a justiça misturados com o espírito, lugares santos quanto à mente, e um coração impregnado de nobreza e de honra. Concede-me que eu leve estas coisas aos templos e então oferecerei um bolo de trigo.

Após ressaltar, na sátira acima, as reais características da falsa religião: súplicas criminais; preces dirigidas aos deuses apenas para conseguir alguma coisa, algum bem; o reconhecimento da divindade, ou seja, uma falsa adoração, já que a teoria não ia ao encontro da prática, o poeta satirista passa a descrever as atitudes que seriam as marcas daquele que pratica a verdadeira religião.

Primeiramente, ele mostra que aquele que busca apenas os prazeres da carne ou que vive sem se preocupar com os valores religiosos, erra, peca, ou melhor, vive pecando, mas pelo menos tira proveito de seus prazeres, usufrui deles. Em seguida passa a questionar os religiosos (pontífices) sobre o fato de os templos estarem revestidos de ouro. Para ele, o templo é um lugar onde se deve buscar valores mais elevados, lugar de adoração, contrição e que, por isso, os bens materiais como a prata e o ouro não devem prevalecer. Neste lugar, segundo ele, os bens materiais valem tanto quanto as bonecas oferecidas à deusa Vênus. Temos, aqui, uma alusão histórica, já que era costume entre as jovens romanas, depois de passarem da infância para a adolescência, oferecer à deusa as bonecas com as quais brincaram, configurando, assim, um tipo de ritual de passagem de uma idade a outra.

Nos dois versos seguintes, o poeta, ao perguntar o que se deve oferecer aos deuses, usa, como exemplo que não se deve seguir, a descendência de Messala. Provavelmente ele está se referindo a Messalina, esposa do imperador Cláudio, e conhecida por ser uma mulher desregrada, impiedosa. Assim, as coisas que se encontram “no grande prato” desta descendência, tais como prata, ouro, luxúria e outros tipos de prazeres, não devem ser oferecidos pelo verdadeiro religioso aos deuses. Em seguida passa a descrever as coisas que um verdadeiro religioso deve oferecer aos deuses. Primeiramente ele faz uso do vocábulo *ius*, empregado para designar o “direito humano”, como vemos hoje em palavras como “jusnaturalismo”, “justiça”; depois, para designar o “direito divino”, emprega *fas*. Percebe-se, então, que o nosso espírito, as nossas intenções, o nosso *animo* devem buscar a equidade não apenas para com as divindades, mas também para com os nossos semelhantes.

Em seguida, ele ressalta a necessidade de termos uma mente pura, santa, ou seja, uma mente que se afasta constantemente dos pensamentos que podem poluí-la ou afastá-la da verdadeira religião.

Depois de já ter preparado o *animus* e a *mens*, o verdadeiro religioso deve se preocupar também com o seu *pectus*. Ao empregar este vocábulo, o poeta não está preocupado com a parte do corpo em que o coração se localiza, mas com o próprio órgão como sede de sentimento. Assim, ele diz que o nosso coração deve ser nobre quanto aos sentimentos e, por isso, digno de receber honras.

Ao concluir sua sátira, o poeta chama a atenção para o fato de que rituais, cerimônias e sacrifícios só passarão a ter algum valor para as divindades, se, primeiramente, praticarmos e vivermos segundo o que foi descrito nos versos anteriores

BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTINE. *Epistula de libris de civitate Dei*. Online: disponível na internet via www.thelatinlibrary.com
LACTANTIUS. *Divinarum Institutionum Libri*. Online: disponível na internet via www.thelatinlibrary.com
MULLER, Richard A. *Dictionary of latin and greek theological terms*. United states of America: Baker Book House Company, 1998.

PERSIUS. *Satirae*. Online: disponível na internet via www.thelatinlibrary.com

SMITH, William & LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.

NOVO TESTAMENTO TRILINGUE (NVI): grego, português e inglês. Editor Luiz Alberto Teixeira Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1998.

BÍBLIA SACRA. Online: disponível na internet via www.thelatinlibrary.com

CÍCERO. *De natura deorum*. Online: disponível na internet via www.thelatinlibrary.com

CAMERON, Alan. *The date and identity of Macrobius*. London: *Journal of roman studies* (16), 1966.